

## Vazio de História

Herlene Mattos  
Paloma Gomide  
Taisi Viveiros da Rocha  
Tamar Bender

As copas das árvores mais próximas eram verdes, mas a folhagem das árvores afastadas parecia ter perdido a cor, era cinzenta. Um pouco mais adiante, tornava-se estranhamente transparente, nebulosa, ou melhor, parecia cada vez mais irreal. E para além dessas árvores não havia nada, absolutamente nada. Não era um lugar ermo, nem uma zona escura ou clara; era algo insuportável à vista e que dava às pessoas a sensação de terem ficado cegas. Pois não há olhos que não suportem olhar o nada total.

A História sem Fim, Michael Ende

Thomas sempre gostou de ler. Desde que se entendia por gente, lembrava dos livros fazendo parte de sua vida. Sua mãe lia para ele à noite, antes de dormir, até que se alfabetizou a passou a fazê-lo sozinho. Sentia um certo orgulho por sua paixão. Meus livros, minha paixão.

Um dia, porém, algo aconteceu. Ele leu um trecho de um livro que, ao invés de ajudá-lo a dormir, acabou por mantê-lo acordado a noite toda. A história falava sobre um mundo que estava sendo devorado pelo nada, e como as pessoas acabavam se sentindo inevitavelmente atraídas para aquele espaço vazio. Como posso entender o “nada ser”, como ficar cego por alguns instantes? Não há nada. É indescritível. É irresistível.

O nada passou a fazer parte de minha vida. Aos dez anos, tudo havia sido mudado para Thomas. A partir daquele momento, em todo lugar em que olhava, o menino via o nada. Uma caneta que acabava a tinta estava repleta do nada. Uma garrafa vazia, um porta-retratos sem foto, uma folha em branco, um prato sem comida. E como o vazio sendo parte de sua realidade, aqueles objetos também passaram a fazer. Um lugar para cada uma das minhas coisas, cada coisa em um lugar. E o quarto dele acabou por se tornar um depósito de todos os objetos que representavam o vazio. Seus pais achavam que colecionar tranqueiras era um pouco de loucura, ninguém conseguia entendê-lo.

Conforme foi crescendo, Thomas não largou sua mania de colecionar o vazio, mas agora conseguia percebê-lo nas mais diversas formas. Olhando um mendigo, certa vez na rua, teve um grande impacto. Eu nunca havia percebido que as pessoas também são vazias, e passou a ter relacionamentos vazios, além de objetos vazios.

Certo dia, já adulto, ao entrar em seu quarto, percebeu que estava completamente entulhado. Coleciono o vazio e me envolvo de objetos que

preenchem minhas prateleiras. Quero o nada e tento alcançá-lo através do tudo. E aproximando-se, começou a esvaziar as prateleiras, jogando no lixo cada uma daquelas coisas que, de certa forma, lhe completaram por tantos anos.

Garrafa, moldura, bola vazia... Tudo, até a caneta que fora seu primeiro colecionável. Olhou ao redor do quarto despojado. Algo ainda estava errado aqui, ainda há preenchimento demais. Os móveis também ocupam lugar no meu quarto. E começou a retirar tudo o que ainda havia lá dentro, até que o cômodo ficou sem nada.

Mas ainda há paredes e janelas. Aquele quarto ainda era alguma coisa. Não estava vazio. Ainda era um cômodo, basicamente como se estivesse colecionando o vazio através de coisas novamente.

Quero o vazio, colecionar e compreender realmente o vazio. Irresistível e inexplicável. E, em um profundo momento de concentração, percebeu que poderia haver em si vazio o suficiente para esvaziar o seu arredor. A incapacidade de compreender o nada é o bastante para que haja sempre um não-pedaço dele dentro de mim.

Aos poucos, ao reconhecer aquilo, o quarto deixou de fazer sentido, e o vazio dentro de si começou a tomar conta totalmente dele. E o vazio, que por tanto tempo ele procurava, finalmente o tomou. A coleção estava completa.

## **Vazio de História (roteiro de ficção)**

Herlene Mattos  
Paloma Gomide  
Taisi Viveiros da Rocha  
Tamar Bender

### **CENA 1 – INT. QUARTO ADULTO**

THOMAS entra no quarto e olha ao redor. O quarto está completamente entulhado de objetos vazios. Em sua mão, THOMAS carrega uma garrafa vazia de bebida. Aproxima-se de sua estante e, em vez de colocar o objeto ali, joga-o no lixo. Com uma expressão compenetrada, começa a jogar cada um de seus objetos de coleção no lixo. Seu coração bate, ritmado. Até que pega uma caneta da prateleira do meio.

### **CENA 2 – INT. QUARTO CRIANÇA**

THOMAS, criança, está desenhando. A caneta que está usando acaba e ele a olha fixamente. THOMAS larga a caneta sobre a cama onde desenhava, vai até o quarto da mãe, pega um porta-joias, volta para o quarto, derruba tudo na cama, empurra as joias para trás da cama e coloca a caneta cuidadosamente dentro do porta-joias.

### **CENA 3 – INT. QUARTO CRIANÇA**

THOMAS retira do alto de um armário o porta-joias, senta-se na cama e coloca um porta-retratos que há no quarto, do qual tira uma foto dele mesmo, e guarda o porta-retratos dentro do porta-joias. Ele também guarda outros objetos ali dentro.

Conforme vai passando, ele guarda outros objetos vazios ali dentro também, aumentando a sua coleção.

### **CENA 4 – INT. QUARTO ADOLESCENTE**

THOMAS liga a televisão e começa a procurar por algo para assistir. Conforme não encontra nada, acelera na passagem de canais, até que desiste e desliga a televisão. Ele reconhece que o mundo todo parece vazio.

#### CENA 5 – EXT. PARQUE ADOLESCENTE

THOMAS sai com meninas com quem não fica por muito tempo. Seus relacionamentos também são vazios e, por isso, passageiros. Ele se encontra com elas sempre no mesmo lugar, uma de cada vez. A primeira, aparece beijando-a; a segunda, abraçando-a; a terceira, de mãos dadas.

#### CENA 6 – INT. QUARTO ADOLESCENTE

Sentado em uma cama, já adolescente/jovem, THOMAS deleta mais um nome de menina de seu celular. Ouve-se o batimento cardíaco dele, até que ele apaga o nome.

#### CENA 7 – INT. QUARTO ADULTO

THOMAS entra no quarto e olha ao redor. O quarto está completamente entulhado de objetos vazios. Em sua mão, THOMAS carrega uma garrafa vazia de bebida. Aproxima-se de sua estante e, em vez de colocar o objeto ali, joga-o no lixo. Com uma expressão compenetrada, começa a jogar cada um de seus objetos de coleção no lixo. Seu coração bate, ritmado. Ele pega a caneta, que primeiro colocou ali, e olha para ela profundamente. Joga-a no lixo também. Esvazia até não ter mais nada na estante.

Afasta-se e olha ao redor do quarto. Tira, uma por uma, toda a mobília que há no quarto. Até que este fique vazio. Agora só restam ali as paredes. Ainda ouve-se o coração dele batendo.

THOMAS olha para frente, com expressão vazia, até que ele mesmo se retira do quarto. Tudo está tão vazio quanto ele mesmo e contagiou tudo o que havia ao redor.

Quando ele sai, apenas sua sombra permanece, até que dela uma escuridão engloba tudo. Somente o coração dele permanece batendo. Até que nem isso há mais.